

## Aprendendo com a morte

Evani Moreira Pedreira dos Santos\*

*Pensar sobre a morte é se declarar vivo.  
E se estamos vivos, também poderemos ser úteis*  
(CASORLA)

Com o mote que inicia o texto, tentamos a concordar que todos nós temos necessidade, ainda que não manifesta, de compreender que, em algum momento da vida, haverá um término. A morte foi (e continua sendo), ao longo da história do homem, tema central das diversas culturas, constituindo-se como um dos seus grandes desafios. Com esse entendimento, há uma clara necessidade de revermos valores éticos e morais, tão discutíveis no momento, para que, através da morte do outro, possamos aprender.

Evidentemente que a sociedade moderna, pela sua dinamicidade e consumismo, não deixa muito espaço para essa reflexão, nem mesmo por parte daqueles que, de certa forma, estão mais próximos dessa realidade, por força da opção profissional. De outro lado, diferentes sociedades encaram a morte

como um fim irreversível e, por isso, é experienciada com sofrimento, dor e sentimento de perda.

Nessa perspectiva, a idéia aqui não é questionar as diferentes formas de morrer, mas considerar a finitude como limite de todo ser humano, como realidade de todo ser vivo. Mas além de considerá-la como limite, é importante realçar, também, o “lugar” que essa finitude ocupa no imaginário social e, em especial, junto àqueles que, diariamente, por força dos papéis que desempenham, propõem-se a zelar pela vida, sempre: a princípio, os profissionais da saúde, embora se possa estender tal compreensão a outros profissionais, especialmente considerando o entendimento de Heidegger (2003)<sup>1</sup> de que estamos sendo uns com os outros no cotidiano das nossas realidades. Em

\* Professora Assistente, UESC/DFCH - Núcleo de Estudos do Envelhecimento, 2005.

\*\* CASORLA, R. (coord.) **Da Morte**. São Paulo: Papyrus, 1998 (Estudos Brasileiros).

<sup>1</sup> HEIDEGGER, M. **Os conceitos fundamentais da metafísica**: mundo, finitude, solidão. São Paulo: Forense Universitária, 2003.

outros termos, isto significa que a compreensão do ser humano para a questão da finitude não diz respeito apenas às profissões, mas ao convívio.

A noção heideggeriana de que estamos sendo uns-com-os-outros indica que também estamos sendo para a morte. Essa é a grande experiência para a qual, ao longo do viver e com-viver, todos nós podemos nos preparar: aprender a morrer. Ao lado do aprendizado da morte como fenômeno da vida, a valorização do ser, do ser-aí, toma um significado que pode afetar as diferentes interpretações do morrer, porque consequência dos vínculos culturais.

○ cultivo dos relacionamentos intersubjetivos, principalmente com pacientes terminais, traz, ao fazer cotidiano do profissional da saúde, grandes desafios, até porque seu comportamento e suas atitudes podem influenciar não só aquele que está sob seus cuidados, o doente, mas sua família. É como se ao profissional da saúde fosse conferida maior elasticidade nos relacionamentos, o que se pode traduzir em mais responsabilidades e compromissos.

○ sentido relacional vida-morte im-

põe que haja interconexão e esta deve ser aprendida e apreendida para uma real percepção não só do tempo que se vive, mas da confluência dessa relação num determinado espaço-tempo. Embora a física moderna nos ensine que “a duração da vida é irrelevante, porque, na natureza, o tempo não flui de forma linear” (DOSSEY, 2000)<sup>2</sup>, a meta da ciência médica e do setor de saúde é adiar e combater a morte. Trata-se, como quer Castells (1999)<sup>3</sup>, de uma repulsa da morte, por parte do profissional de saúde, e da implacável vontade de rejeitar o inevitável.

Por outro lado, a própria organização da natureza impõe o que Maturama (1995)<sup>4</sup> considera *autopoiese*, uma rede de auto-organização do ser vivo ou, em outros termos, uma compreensão da organização do mundo exterior como algo inscrito dentro de cada sujeito. Com isso, o ritmo cósmico, aquele que regula os ciclos da natureza, o ciclo da vida, está também impresso em cada célula do nosso organismo. Assim, “o que nasceu é preciso que ceda o lugar ao que há de nascer. E toda essa ordem de seres transeuntes decorre à maneira de um rio” (SANTO AGOSTINHO, 2000)<sup>5</sup>.

<sup>2</sup> DOSSEY, Larry. **Espaço, tempo e medicina**. São Paulo: Cultrix, 1982.

<sup>3</sup> CASTELLS, M. O Limiar do Eterno: tempo intemporal. In: \_\_\_\_\_. **A sociedade em rede – a era da informação, economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

<sup>4</sup> MATURAMA, H.; VARELA, F. **A árvore do conhecimento**. São Paulo: Editorial Psy II, 1995.

<sup>5</sup> AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Petrópolis: Vozes, 2000.

Assim sendo, convém entender, nesse processo, a verdade de todo ser vivo enquanto possibilidade: a vida é um *continuum*. O começo é o fim para Maturama (1995)<sup>6</sup>; é como se, na circularidade do mundo, da vida, houvesse sempre um ponto de encontro. Portanto, o intervalo, o período vivido constitui o tempo-espaço para sermos úteis, mesmo em momentos traumáticos como aquele em que a vida finaliza, vai embora.

Em pesquisa realizada junto a profissionais da saúde, particularmente entre estudantes e profissionais de enfermagem, ficou constatado que o sofrimento causado pela morte, a perda, só é amenizado pela crença, pela fé, pela religiosidade das pessoas, embora o resultado da pesquisa também permitisse refletir sobre o campo da afetividade, envolvendo sentimentos e emoções. No campo religioso os entrevistados conferiram à fé um meio de sustentação, e até de aceitação, para o enfrentamento da dor e do sentimento de perda<sup>7</sup>.

A religiosidade, na compreensão dos

entrevistados, aparece como promotora da paz e capaz de amenizar o sofrimento, algo em que se pode acreditar para “anestesiá-la” a dor. É a fé servindo de amarras para impedir o espírito de debandar, de ficar à deriva ante a tempestade da vida, como diz Luis Rosa (1959)<sup>8</sup> em sua linguagem poética. Esse é, portanto, o momento em que se exercita o ato de rogar, de suplicar, quando a prece adquire, para amenizar o sofrimento, um significado social mais forte e o ser humano se investe de algo muito maior, transcendendo sua unidade corpo/mente, elevando-se além dos atos profanos.

O fato religioso é um elemento determinante do social e se constitui como base das representações construídas no cotidiano. Assim, inegavelmente, pode-se entender o valor da crença religiosa para relativizar e ajudar no entendimento da morte, daí as caracterizações pelas cerimônias, pelo culto, pelo ritual, tão necessários ao “fechamento” desse fato (DURKHEIM, 1989<sup>9</sup>; WEBER, 1989<sup>10</sup>).

<sup>6</sup> MATURAMA, obra citada.

<sup>7</sup> Faz-se aqui uma ressalva para que se entenda religiosidade como atividade pertinente a cada pessoa ou grupo social que professa uma religião, e cuja comunicabilidade comum possa no momento da morte de alguém auxiliar principalmente os parentes daquele que morreu. Há sempre os que ficam e que precisam de auxílio.

<sup>8</sup> ROSA, Luis. **O despertar**. Itabuna, BA: Editora Grapiúna, 1989.

<sup>9</sup> DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Paulinas, 1989.

<sup>10</sup> WEBER, M. **Conceitos básicos da sociologia**. São Paulo: Editora Moraes, 1989.

Como é possível perceber, o fenômeno social religioso e o fenômeno social da morte identificam-se para o equilíbrio e/ou compreensão desse momento crucial, o morrer, conforme indicaram os profissionais desta pesquisa. Evidentemente, não é fácil invocar ações espirituais num mundo de aparências, em que os meios de comunicação comandam, de certa forma, o comportamento humano, condicionando, criando necessidades, principalmente formando novos valores, até de insegurança, quando atingem o imaginário social, legitimando as práticas de consumo, beleza e lucro.

*Os meios de comunicação fazem com que toda a cultura dance conforme sua dança: ditam padrões, promovem ou desmoram estilos, modas, jeitos de ser e de falar. Moral, ética, comportamento, padrões, que antigamente eram ditados pela igreja e depois o foram pelos filósofos, são hoje determinados pelo apresentador de telejornal, pelo jornal e pela revista monopolista (MARCONDES FILHO, 1998).<sup>11</sup>*

Dessa forma, o monopólio comunicacional cobre com o manto imaginário toda a sociedade, inclusive suprimindo, impedindo, vulgarizando fa-

tos e situações que contrastam com o interesse e lucro do momento.

Com esse cenário, tanto a nossa sensibilidade, quanto a linguagem vão se tornando mais difíceis de serem traduzidas pelas virtualidades eletrônicas. Compreendendo essa configuração, é possível entender por que o tema da morte é considerado de péssimo gosto por muitos, e sua abordagem necessita também superar as angústias dos humanos. A questão é saber se isso é possível, numa era comunicacional em que a arrogância e o prestígio são fundamentais, e o homem, este ser-aí, torna-se incapaz de reduzir o lucro a seu deus, e lembrar que, a cada momento, está-sendo-para-a-morte.

Naturalmente que a compreensão e aceitação da morte encontram dificuldades de toda ordem; a própria explicação proposta pela *criogenia* não deixa de ser uma forma de suprimi-la e/ou escondê-la. O comportamento de livrar-se logo do cadáver, suprimindo um ritual tão importante para os que ficam, é outra forma simulada de negá-la. Mas admitindo-a como possibilidade humana, talvez o único caminho seja o da educação. Admiti-la presente a partir do nascimento pode ser uma forma de suavizar a perda.

<sup>11</sup> MARCONDES FILHO, Ciro. **Cenário do novo mundo**. São Paulo: NTC, 1998.

Questionando sobre a educação para a morte, a pesquisa realizada sinalizou que 90% dos entrevistados asseguraram vantagens, principalmente no que diz respeito ao equilíbrio emocional dessa “experiência” da qual ninguém pode fugir. Essa posição encontra ressonância em Morin (1999)<sup>12</sup>, quando assegura que a humanidade vive em permanência sexual, não se podendo esquecer também que é através da morte que esta mesma humanidade se renova.

Naturalmente que a renovação da sociedade se dá não só em razão da presença de novas gerações, mas também a despeito de certas influências promovidas por aqueles que já morreram e deixaram suas “marcas” na sociedade. Tudo isso nos assegura o vínculo, a permanência social, a continuidade e a renovação. Assim, não se tem dúvidas da necessidade de se questionar a morte pedagogicamente, como processo natural da vida.

Retomando o discurso heideggeriano e situando a educação como fenômeno social que se desdobra a partir do ser-ai, os homens estão-sendo-uns-com-os-outros; logo, a “educação é algo exten-

sivo a todas as nuances da existência”. Assim, assevera Heidegger (2003):<sup>13</sup>

*educar é o espaço onde os homens estão sendo uns com os outros. Se a educação implica a relação homem-homem como relação básica, isto já nos está dizendo que se trata da relação dos homens entre si e não dos homens com outros entes que não ser-ai também.*

A educação, portanto, é extensiva a todas as situações da existência, estendendo-a para toda a vida, até a morte, e abarca todas as instituições sociais.

Recorrendo ao *Relatório Delors* (1998)<sup>14</sup>, documento publicado pela UNESCO e que norteia o mais completo trabalho para a Educação, deparamo-nos com os pilares de uma construção social e educacional que conduzem à valorização, formação da personalidade humana e fortalecimento da sociedade. Dentro da mesma linha, outro documento que oferece base de sustentação para defender a educação para a morte é *Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro* (MORIN, 2000)<sup>15</sup>, também sob a chancela da UNESCO. Nes-

<sup>12</sup> MORIN, Edgar. Obra citada.

<sup>13</sup> HEIDEGGER, M. Obra citada.

<sup>14</sup> DELORS, J. **Educação – um tesouro a descobrir**. UNESCO, 1998.

<sup>15</sup> MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Corty, UNESCO, 2000.

se documento, é possível destacar que o tema se vincula à condição humana sendo, portanto, um conhecimento pertinente.

Naturalmente que a educação também abrange e sustenta o sistema tecnológico. É esta revolução tecnológica constitui a base para profundas mudanças, inclusive da comunicação em vários níveis de conhecimento e circunstâncias da vida, e também da percepção humana. É o que Castells (2000)<sup>16</sup> chama de sociedade em rede. Esta sociedade em rede imprime novos ritmos à vida social, novos modelos, sejam eles sagrados ou piaculares.

O fenômeno social morte está evidentemente vinculado à condição humana; por isso mesmo, é pertinente à educação, uma vez que a educação, como a admitimos, implica um estar-com-os-outros num processo de diferentes momentos de toda nossa existência. Assim, fazendo eco com diversos autores,

situamo-nos com o que diz Cassorla (1998)<sup>17</sup>.

*Consideramos procedente a necessidade de educação para a morte, apontada por alguns autores na literatura consultada. Nesse sentido, as pessoas que lidam com o humano precisam ser preparadas, tanto no âmbito familiar, quanto em termos de formação profissional para entenderem a morte como possibilidade que atravessa a existência e pode, portanto, surgir a qualquer momento.*

Enfim, se entendermos que nosso nascimento foi importante, perceberemos que a nossa morte também será. Evidentemente, o espaço intermediário — a vida na terra — deverá ser útil para demonstração de que tudo vale a pena. A vida é importantíssima, também, para ensinar sobre a morte. É preciso aprender, aprender sempre, não só na vida e com a vida, mas também, com a morte.

---

<sup>16</sup> CASTELLS, M. Obra citada.

<sup>17</sup> CASSORLA, Roosevelt (coord.). **Da morte**. São Paulo: Papirus, 1998 (Estudos Brasileiros).